

Breves notas sobre o Movimento Armorial

Cecília Pires

*Doutoranda em História Social da Música no Centro de Artes e Linguagens na
École des Hautes Études en Sciences Sociales (CRAL-EHESS) em Paris, França.*



Acompanhando a história do Movimento Armorial em minhas pesquisas de mestrado e doutorado, onde tenho analisado os aspectos históricos da música armorial e sobretudo o papel que esta arte teve entre as representações armoriais, tenho percebido que, ao menos em relação à música, o movimento parece estar ganhado um novo espaço. No entanto, o outro lado das minhas pesquisas, onde me aprofundo nas relações entre música e política no contexto histórico e no seio do próprio movimento armorial, sugere que isso pode ser apenas um reaparecimento efêmero.

Neste ano de 2020 a arte armorial completaria 50 anos de sua criação e para marcar esta passagem, ocorreram alguns eventos comemorativos e uma mesa redonda entre os meses de outubro e dezembro de 2020, sobre os 50 anos da música armorial. Destacamos aqui, entre outros, o evento organizado pelo Conservatório Pernambucano de Música, comemorando seus 90 anos, este evento se dedicou à conversas sobre a música armorial, seu processo de criação, seus compositores e também a herança dessa estética musical em grupos pernambucanos. Outro evento foi organizado pelo músico Sérgio Ferraz em parceria com a Universidade Federal Fluminense, tratando do movimento em sua totalidade artística. A mesa redonda fez parte das comemorações dos 60 anos do departamento de música da Universidade Federal de Pernambuco, instituição incubadora para as pesquisas que resultaram na criação da música armorial, debate que acolheu novas direções de pesquisa e uma importante revisão de literatura sobre a música armorial. Devido as condições pandêmicas, assim como tem sido a nova norma, estes eventos foram virtuais. Diante destes eventos, podemos nos questionar se essas instituições falarão do Armorial de novo somente daqui a 5 anos, na comemoração dos 55 anos do movimento?

Com o intuito de realizar uma arte brasileira, erudita, a partir das raízes populares, o escritor Ariano Suassuna revisita idéias do modernismo em Mário de Andrade, e lança em Recife, em outubro de 1970 o Movimento Armorial. Este movimento teve como objetivo criar uma identidade brasileira de caráter erudito, utilizando como matéria-prima principal a cultura popular provinda sobretudo do sertão nordestino, como por exemplo todo o universo ligado à Literatura de Cordel. Desta forma, ao invés de se concretizar como uma arte brasileira, como queria seu idealizador, a identificação do armorial se dá com o nordeste do Brasil, caracterizando-a como uma identidade regional. O armorial cobria várias manifestações artísticas, como a literatura, a tapeçaria, a escultura, a xilogravura, mas entre elas, a música foi a que se destacou. Além de ser um movimento artístico múltiplo, essa estética também atravessa diversos debates polêmicos

em torno de pares conceituais, tais como arte popular e arte erudita, nacionalismo e regionalismo, política e institucionalização das artes. Um dos pontos principais da nossa pesquisa de doutorado é a tentativa de discernir de maneira mais clara cada um desses pares e como eles eram tratados pelo movimento armorial.

Ariano Suassuna foi uma figura ambígua no Estado de Pernambuco, foi um intelectual, escritor, dramaturgo, professor de estética na Universidade Federal de Pernambuco e secretário de cultura do governo do mesmo estado e da cidade do Recife. O escritor teve um papel importante como propagador da cultura popular do Nordeste além de criar e dirigir o Movimento Armorial. Ele não era músico, no entanto, este movimento multi-artístico, um dos mais importantes da sua época no Brasil, foi representado principalmente pela música. Os próprios compositores e músicos armoriais dizem que sem Suassuna, a música armorial não teria acontecido.

Suassuna, no final dos anos 1960 torna-se diretor do departamento de extensão cultural da Universidade Federal de Pernambuco, o DEC, que na época era o lar de produção e resistência cultural. Nesse mesmo período um grupo de compositores reunia-se na Escola de Belas Artes de Pernambuco e fundava o Seminário de Criação e Interpretação Musical Nordestina. Graças à Suassuna as reuniões realizaram-se como atividade ligada ao DEC e os músicos Clóvis Pereira (pianista, compositor e maestro), Cussy de Almeida (violinista e maestro) e Jarbas Maciel (violinista e compositor) tinham como objetivo estudar e implementar a utilização erudita da música popular do nordeste do Brasil, se assemelhando ao projeto nacionalista que Mário de Andrade havia pensado no final dos anos 20. Projeto este que foi exposto no *Ensaio sobre a Música Brasileira*. O somatório dessas pesquisas resultaram na música armorial.

Ariano Suassuna não tinha formação musical, mas sim ideias bem definidas de um som imaginário que ele queria pôr em prática. A instrumentação desejada para a execução desta música teve de trazer os elementos, para ele, mais representativos da cultura popular, como a rabeca, a viola nordestina e o pífano. No entanto, esta música foi inicialmente executada por uma orquestra de câmara: violinos, violas, violoncelos, contrabaixo, flautas e eventualmente um cravo (utilizado nos repertórios barrocos) que depois é acrescido um valor timbrístico importante.

Tendo toda uma teoria sobre arte erudita e popular no Brasil, Suassuna embarca em um primeiro debate no momento em que define a arte armorial como erudita e popular pois para ele não deveria existir hierarquia entre as duas. Uma das dificuldades é

essa tensão entre a concepção do escritor e as concepções dominantes que insistem em não apenas separar mas hierarquizar os dois polos. Isso se dá sobretudo na escolha do nome *Armorial* para intitular o movimento. O *Armorial* é baseado em características da Idade Média européia, os períodos de feudos e castelos medievais. Um momento histórico em que famílias nobres eram distinguidas por seus brasões. Não podemos esquecer que aqui há uma espécie de anacronismo estético e cultural, visto que o Brasil não teve idade-média. No entanto, certamente consciente de tal invenção, Ariano Suassuna recorre a esse passado imaginário. Poderíamos mesmo falar aqui de uma tradição inventada no sentido dado por Hobsbawm na obra *A Invenção das tradições*. Assim, o nome adotado *Armorial* denota o desejo de estabelecer um elo com essas raízes heráldicas e origens culturais brasileiras. Suassuna criou este movimento para oferecer uma arte erudita baseada na cultura popular do sertão e no folclore nordestino e na influência ibérica (mouresca, européia) reconhecendo e destacando a mistura das raízes do povo brasileiro.

A música *armorial* é uma música de concerto, baseada na cultura popular. Suas primeiras composições foram resultado de pesquisas com outros compositores tendo um instrumental baseado em manifestações populares do sertão nordestino, como os cantadores e repentistas com suas violas de doze cordas e os "ternos", mais especificamente o terno de pífano do mestre Ovídio, natural do agreste pernambucano. Com formação diferenciada de outros "ternos" mais comuns (com dois ou três pífanos e instrumentos de percussão), o "terno" de mestre Ovídio possuía também duas rabecas na sua formação. Tendo essas referências instrumentais, o primeiro grupo *armorial* experimental foi um quinteto que tinha como base esta formação, mas usava de flautas e violinos para substituir o som rústico dos instrumentos originais do "terno" e uma bateria que fazia as vezes de uma zabumba, bumbo e caixa. Às vezes o violonista Henrique Annes era convocado para suprir a sonoridade da viola sertaneja. Este quinteto tinha, portanto, uma sonoridade mais aproximada de um grupo de música de câmara, almejado por Suassuna.

Para o lançamento do Movimento *Armorial*, no dia 18 de outubro de 1970 na Igreja de São Pedro dos Clérigos, a Orquestra de Câmara *Armorial* é então a representante musical do movimento. Constituída de instrumentos de cordas, flauta transversa entre outros, neste concerto a orquestra executou música barroca pernambucana e as primeiras composições *armoriais*, já experimentadas em forma de quinteto. Achando o som da orquestra muito europeizado Suassuna decide retomar a formação do primeiro quinteto

experimental e cria o Quinteto Armorial, que passa a ser o novo representante da música armorial. Este grupo, liderado por Zoca Madureira é ainda hoje o grupo mais representativo dessa estética. Alguns aspectos característicos da música armorial são os usos de sonoridades e escalas modais inspirados na música nordestina, ritmos de variadas manifestações da cultura popular e tudo isto transposto para uma música escrita.

Tendo em vista a historiografia da música brasileira, tradicionalmente dividida em popular e erudita, a música armorial poderia se inscrever em ambas, visto as representações populares e eruditas de seus elementos musicais. Talvez esta seja uma das dificuldades em inserir a música armorial em uma história da música brasileira atualizada.

Durante 10 anos, de 1970 a 1980, o movimento armorial foi um dos responsáveis pela difusão da cultura popular nordestina no Brasil e de uma possibilidade de pensar em uma música erudita brasileira. Após o fim do movimento, a estratégia de Suassuna foi de manter essas ideias. É um momento onde o escritor explora ainda mais seu lado político e, seguindo também aqui os passos de Mário de Andrade, é nomeado como secretário de cultura da cidade do Recife e do Estado de Pernambuco¹. Seu projeto artístico é de certa forma implementado nas secretarias como política de governo, permitindo alcançar proporções inéditas. É um momento que a arte erudita armorial tenta acessar as camadas mais populares através de projetos educacionais com as aulas-espetáculo e a popularização das salas de concerto, na tentativa de criar um público misto interessado.

Na minha pesquisa de mestrado identificamos vários grupos de tendência armorial, mas na época, poucos se assumiam como herdeiros do movimento. Na atualidade podemos encontrar a herança do armorial presente principalmente na música. Não só através de grupos populares que tem o Quinteto Armorial como principal fonte de inspiração, mas também em novas composições produzidas a partir desta estética ampliando para orquestras maiores. Suassuna, de certa forma, percebe isso na comemoração dos 40 anos do movimento, declarando na ocasião que o movimento armorial acabou em 1980, mas que a estética continua. Podemos apontar como herdeiros armoriais, entre outros, o Quinteto Romançal dirigido por Zoca Madureira desde os anos 90, o grupo SaGRAMA, o grupo Sonoris Fábrica, o grupo Gesta e o Rosa Armorial estes dois últimos no sul e sudeste do país. Já no campo da pesquisa e composição tal como foi elaborado nos primeiros encontros entre Clóvis Pereira, Jarbas Maciel e Cussy de Almeida

¹ No mandato de Antônio Farias e Miguel Arraes (1994-1998) e participa em seguida também no governo de Eduardo Campos.

a música armorial, talvez por carregar muitos conceitos ligado à Ariano Suassuna, se expande, troca de nome e é hoje conhecida como Música Nordestina de Concerto. Chamada assim hoje em dia, entre outros, pelo compositor Clóvis Pereira, ela se encontra presente em novos compositores como Mateus Alves, que não nega a influência do armorial em sua obra.

A música armorial teve um papel importante como símbolo da cultura popular no nordeste do Brasil que estava em grande parte esquecido à nível nacional e também em sua própria região. Este movimento queria tentar transformar os preconceitos socioculturais sobre a região Nordeste de modo a apresentar a sua importância musical ao sul e sudeste do país. Assim, um movimento originário de um único Estado, Pernambuco, tentou apresentar características artísticas de toda uma região a todo o país continental. Poder comemorar os 50 anos de um movimento cultural, com a amplitude que foi feito em várias instituições no Brasil, talvez mostre que o Armorial possa também significar uma forma de resistência para a cultura nordestina, que ainda se encontra à margem.